

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



VOL. XIX

1980

N.º 1

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

razões, a mais poderosa das quais foi o facto de dificilmente se alterar o nome que fora dado ao mesmo bairro — Bairro de Nova Sintra —, denominação bem aceite e popularmente consagrada.

celho, se começou com o saneamento e se construiu o Bairro Municipal de 100 casas, no Lugar de Coelho — o Bairro de Nova Sintra.

Vejamos como a imprensa local se referiu a Silveira Campos, aquando do seu passamento:

«Lutou para que se fixasse a zona do jogo e se constituísse a Empresa de Turismo, que tem a assinalá-la dois edifícios monumentais — o Casino e o Palácio Hotel.

«Empregou todos os esforços, que foram coroados de êxito, para que o Estado vinculasse a existência do Liceu na Póvoa a um edifício próprio, aproveitando para tanto o centenário, em 1945, do nascimento de Eça de Queirós. Congraçou esforços de poveiros residentes em Lisboa, onde formara uma distinta Comissão que não se poupou a esforços perante o Governo.

«Deu o seu concurso valioso para que o Governo da Nação continuasse o Porto de Pesca, a mais antiga e palpitante aspiração da Póvoa; morre sem ver concluída essa magnífica obra.

«Com parentes e amigos do Brasil conseguiu se reunisse lá por subscrição o preciso para se erguer o belo monumento a Eça de Queirós — cerca de 270 contos.

«Melhoramentos que efectuou seria fastidioso enumerar. Vão alguns, dos mais importantes, na generalidade. Abertura e alargamento de ruas; pavimentação definitiva de quase todo o bairro balnear; construção do bairro de 100 casas; saneamento da vila em grande parte; novas estradas e pavimentação de outras; electrificação de freguesias; abastecimento de água a Amorim e Avcr-o-mar; pontes; fontenários e lavadouros; novo sistema de captação de água em Retorta, etc.» (Ala Arriba, de 9 de Fevereiro de 1957).

«Com a sua morte desapareceu um homem que se devotou inteliramente à sua e nossa Póvoa tendo por ela trabalhado com dedicação e persistência durante o tempo que esteve à frente do Município procurando dotar a Terra com melhoramentos que julgava imprescindíveis ao seu progresso, como vila, praia e zona de turismo.

«O sr. Silveira Campos fazia parte duma geração de poveiros que vai desaparecendo aos poucos sem vermos que haja novos capazes de os substituírem. No desempenho dos seus cargos lutou por algumas reivindicações poveiras tendo conseguido através da sua tenacidade torná-las em realidade.

«Deixou uma obra que não pode esquecer-se. Na sua primeira gerência do Município continuou o corte da rua de António Graça, já iniciado em parte, melhoramento que tornou esta artéria uma das mais importantes da nossa praia. fêz o corte da rua de Elias Garcia tirando-lhe alguns cotovêlos que a desfeizavam. Mais tarde voltou-se para a pavimentação das ruas do bairro balnear a paralelos, e contribuiu, em parte, para a construção do novo edifício do nosso Liceu e até o monumento a Eça de Queirós teve a sua participação, pois foi a seu pedido que seu primo sr. Raúl Campos, fêz reunir no Rio de Janeiro um grupo de poveiros para conseguirem os fundos necessários para o custo do monumento que foi, mais tarde, oferecido à Póvoa.

«De tudo quanto fêz um melhoramento há que sobreleva os outros — o saneamento geral da vila, obra que se não vê mas que colocou a nossa Póvoa a par das terras mais progressivas do País.

«Quem assim trabalhou pela Terra merece bem o respeito e a gratidão de todos nós. Pela nossa parte aqui estamos a prestar-lhe a nossa homenagem e

optou-se pela escolha da rua mais importante do local e contigua (pelo sul) ao mesmo bairro, para ostentar o nome de *Silveira Campos*.

Trata-se de uma rua bem rasgada, de razoável extensão e que, com o decorrer do tempo, muito melhorará no aspecto urbanístico.

SOUSA CAMPOS (RUA DO DR.) — Em sessão camarária de 29 de Setembro de 1931, foi determinado dar-se o nome de rua do «Doutor Souza Campos» (699) à rua do Pelourinho, rua que já foi por nós convenientemente estudada.

a apontar os seus exemplos aos novos, aos homens de amanhã, para que a obra há muito iniciada tenha continuidade agora e sempre» (O Comércio da Póvoa de Varzim de 9 de Fevereiro de 1957).

No semanário local «O Comércio da Póvoa de Varzim» de 12 de Abril de 1952, em artigo intitulado *A Propósito...*, Vasques Calafate faz, também, um rasgado elogio à personalidade de Silveira Campos e à sua brilhante acção como activo e diligente Presidente da Câmara.

O corpo de Silveira Campos, antes de ser trasladado para o Cemitério da Póvoa de Varzim, passou pela Igreja de S. José (para officios fúnebres) e esteve depositado no Salão Nobre do Município, como pública homenagem da Póvoa de Varzim a quem tão bem a soube servir.

(699) O Dr. João Pedro de Sousa Campos, filho de Francisco José de Campos e de D. Rita Margarida da Cruz, nasceu na Póvoa de Varzim, em 1851 e aqui faleceu, às 15.00 horas do dia 10 de Dezembro de 1926, na casa de sua residência, à rua da Junqueira, n.º 13.

Formado em Medicina e Cirurgia pela antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1881, nela defendeu tese com um trabalho sobre «O Glaucoma», tese impressa e arquivada na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, na cota: Livro XXXII-I de TESES.

Clinico afamado e competente, exerceu sempre a sua operosa actividade profissional na Póvoa de Varzim, com consultório na sua residência, da rua da Junqueira, n.º 13 (onde o chegámos a consultar, por várias vezes) e foi médico muito distinto do Hospital da Póvoa. Era conhecido por *Dr. Carloto*, alcunha tradicional da sua família, pelo lado paterno (na linha paterna dos seus ascendentes, encontramos Joaquim José de Campos, filho de Francisco José de Campos, que casara com Josefa Maria Lopes, de Bagunte, o qual Francisco José de Campos casou, em 29 de Novembro de 1812, com Carlota Joaquina, filha de Manuel Martins Mascarenhas, e de Ana Josefa Marques, e residiam no Terreiro de S. Sebastião. Esta Carlota Joaquina faleceu em 9 de Maio de 1831 e talvez, do seu nome, venha a alcunha de *Os Carlotos*, tradicional nesta Família).

Raúl Faria, médico poveiro, radicado em Lisboa, no seu livro «Maresia (Romance sobre cos umes poveiros)», Lisboa, 1939, a págs. 53 e 54, refere-se ao Dr. João Pedro, nas seguintes passagens:

«.....
«—É muito bom «doutor» ...estou «aquasi» curada e olha que já estive desenganada de «oitro»... «inté» parece que foi milagre de Deus Nosso Senhor...
.....

«.....
«Abriu-se a porta do cimo das escadas e o médico, um homem dos seus sessenta anos, cara de poucos amigos e certamente careca porque um redondo